

Extensão Universitária Como Processo Formativo Emancipatório: O Caso do Projeto Comtrilhas¹

Lucas Targino de Freitas SANTOS²

Itamar de Moraes NOBRE³

Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN

RESUMO

Refletimos sobre as experiências vivenciadas no Projeto Comtrilhas, nas edições de 2023 e duas edições em 2024. A discussão parte do estudo sobre a gênese, histórico e evolução do conceito de Extensão Universitária e do desenvolvimento da prática nas universidades do Brasil. A base metodológica é o Estudo de Caso, a Pesquisa Bibliográfica e a Observação Participante. Concluimos que, ao agir, o comunicador/educador *ensina* na mesma medida que *aprende* no decorrer das ações de extensão, de forma cidadã e emancipatória.

PALAVRAS-CHAVE: Extensão; Educação; Educomunicação; Projeto Comtrilhas; Programa Trilhas Potiguanas

INTRODUÇÃO: HISTÓRICO DA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA NO BRASIL

A extensão universitária teve seu início na segunda metade do século XIX, na Inglaterra (Paula, 2013), através de cursos abertos criados pela Universidade de Cambridge. Já em Oxford, no mesmo país e quase ao mesmo tempo, os cursos eram voltados para regiões mais pobres e trabalhadores mais necessitados, adotando um viés de movimento social assistencialista (MIRRA, 2000 *apud* PAULA, 2013).

No Brasil, ações de extensão universitária só começaram a surgir na primeira metade do século XX, por meio de “lições públicas” oferecidas à população pela Universidade de São Paulo (Forproex, 2001; Carbonari; Pereira, 2007; Paula, 2013).

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho (GTNE14 - Estudos da Comunicação), evento integrante da programação do 25º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 26 a 28 de junho de 2025.

² Estudante de Graduação 7º. semestre do Curso de Jornalismo do Decom-UFRN, email: lucas.targino.108@ufrn.edu.br

³ Docente e pesquisador do DECOM - Departamento de Comunicação Social e do PPGEM -Programa de Pós-Graduação em Estudos da Mídia, da UFRN. Membro do Grupo de Pesquisa CICULT - Círculo de Estudos em Comunicação e Cultura Visual (UFRN). Email: itanobre@gmail.com.

Esses eventos abertos tinham como objetivo a simples difusão do conhecimento gerado na instituição, sem levar em conta as necessidades e problemas do público que os frequentava; eram, portanto, deslocados da realidade que circundava a universidade.

A prática extensionista sofreu fortes alterações nas décadas seguintes. Nas décadas de 50 e 60, com o crescimento dos movimentos estudantis em território nacional, o compromisso social das universidades se tornou um ponto central de discussão e ação, sendo a extensão um importante agente de transformação (Gadotti, 2017). Embora o golpe de 64 tenha sido muito nocivo ao desenvolvimento da nação, ele não foi capaz de interromper o avanço dessa prática acadêmica (Gadotti, 2017; Paula, 2013).

Os passos para modernização e consolidação da extensão no Brasil se solidificaram em 1987, com a criação do Fórum de Pró-Reitores da Extensão das Universidades Públicas Brasileiras (Forproex), que discutiu a institucionalização desse tipo de fazer educacional, além de conceituá-lo e definir parâmetros de ação. A Constituição Brasileira de 1988, em seu Artigo 207, finalmente estabelece a indissociabilidade entre Ensino, Pesquisa e Extensão nas universidades públicas do país. Isso foi reforçado em 1996, quando a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) definiu a extensão como uma das finalidades da universidade (Gadotti, 2017).

METODOLOGIA

Realizamos a pesquisa tendo como bases metodológicas, em seu primeiro momento, uma ação de natureza exploratória, associada à pesquisa bibliográfica para fundamentar o histórico e o conceito da prática da extensão universitária. Do ponto de vista da coleta de dados e a reflexão sobre o campo empírico, nos utilizamos da Observação Participante para realização do Estudo de Caso, em consonância com as definições propostas por (Gil, 2019).

COMUNICAÇÃO OU EXTENSÃO? GÊNESE E EVOLUÇÃO DO CONCEITO

O conceito de Extensão Universitária, assim como a própria prática, sofreu mudanças ao longo das décadas da presença desse quefazer no Brasil. Como apontado por Carbonari e Pereira (2007) e Gadotti (2017), há duas vertentes do conceito e prática da extensão: uma assistencialista, com simples transmissão de conhecimento vertical, e outra não-assistencialista, educadora e emancipatória.

É essa segunda vertente que Paulo Freire enxerga como necessária e integral para o modelo de universidade nacional, como observado por Paula (2013):

Foi na Universidade de Recife, através do Serviço de Extensão Universitária, dirigido por Paulo Freire, que se manifestou com clareza a efetiva integração da universidade, da extensão universitária, às grandes questões nacionais [...]. De fato, é com Paulo Freire que a universidade descobre e desenvolve instrumentos que a aproximam dos setores populares, tanto mediante a ação concreta de alfabetização, quanto mediante a elaboração de metodologias de interação entre o saber técnico-científico e as culturas populares (Paula, 2013, p. 13)

A visão de Paulo Freire sobre extensão é desenvolvida em seu livro “Extensão ou Comunicação?”, escrito em 1969 enquanto o educador estava exilado no Chile por conta da ditadura militar no Brasil. Na obra, o autor reflete sobre a prática extensionista de agrônomos-educadores, que realizavam ações de educação em comunidades rurais.

No primeiro capítulo do livro, Freire discorre sobre as implicações semânticas da própria palavra *extensão*. Segundo o autor, no seu campo associativo, o termo “extensão” se encontra “em relação significativa com *transmissão, entrega, doação, messianismo mecanicismo, invasão cultural, manipulação, etc*” (Freire, 2021, p. 15, grifo do autor).

Dessa forma, de acordo com Paula (2013), Freire obrigou àqueles que quisessem continuar a usar o termo a uma profunda ressignificação e reconceitualização. É nessa perspectiva que o Forproex, através da construção coletiva do conceito, busca redefini-lo com caráter não-assistencialista.

A Extensão Universitária é o processo educativo, cultural e científico que articula o Ensino e a Pesquisa de forma indissociável e viabiliza a relação transformadora entre Universidade e Sociedade. A Extensão é uma via de mão-dupla, com trânsito assegurado à comunidade acadêmica, que encontrará, na sociedade, a oportunidade de elaboração da práxis de um conhecimento acadêmico. No retorno à Universidade, docentes e discentes trarão um aprendizado que, submetido à reflexão teórica, será acrescido àquele conhecimento (Forproex, 2001, p. 5)

Nesse sentido, o conceito toma de vez uma natureza freiriana e emancipatória, reconhecendo a interdependência entre a universidade e a sociedade na existência da extensão e reforçando a necessidade do fluxo comunicacional entre ambas as partes.

É nesse contexto que surgem o Programa Trilhas Potiguaras e o Projeto Comtrilhas, respeitando as 5 diretrizes para Ações de Extensão Universitária estabelecidas pelo Forproex e descritas na Política Nacional de Extensão Universitária, sendo eles a Interação Dialógica; Interdisciplinaridade e Interprofissionalidade;

Indissociabilidade Ensino-Pesquisa-Extensão; Impacto na Formação do Estudante; Impacto e Transformação Social (Forproex, 2012).

O CASO DO PROJETO COMTRILHAS NO PROGRAMA TRILHAS POTIGUARES

O Programa Trilhas Potiguar⁴ teve sua primeira edição no ano de 1996, inspirado em um projeto de extensão do Centro Acadêmico de Geografia — o projeto Pé-Na-Trilha —, que tinha como proposta central a promoção do conhecimento sobre o estado do Rio Grande do Norte, por meio de caminhadas que proporcionavam aos estudantes uma imersão nas realidades geofísica e humana da região (Sousa; Yamamoto, 1999).

No entanto, ainda segundo Sousa e Yamamoto (1999), em sua primeira edição, o Trilhas Potiguar continha pouca troca de saberes entre universidade e comunidade. Essa realidade mudou logo no ano seguinte, em 1997, com a implementação de uma diretriz que norteia as ações do programa até os dias de hoje: “a busca de envolvimento da universidade na resolução de problemas das localidades nas quais os projetos foram conduzidos” (Sousa; Yamamoto, 1999, p. 6).

Desde então, o Trilhas Potiguar vem desenvolvendo ações em municípios do interior do Rio Grande do Norte através do emprego de metodologias emancipatórias, contextualizadas e continuadas, como apontado nos objetivos do programa:

Identificar a realidade socioeconômica, cultural e ambiental dos municípios, para a realização de estudos localizados direcionados à execução de ações que contribuam para o desenvolvimento sustentável das comunidades; *Desenvolver* projetos em áreas e temas específicos que integrem professores, alunos, técnicos e lideranças comunitárias, utilizando como referencial os princípios do desenvolvimento sustentável, no sentido de contribuir para a transformação da realidade; *Articular* demandas de projetos específicos, de pesquisa ou extensão, para os municípios que possam ser desenvolvidos em parceria com os diversos setores da UFRN; *Contribuir* para o processo de qualificação social dos membros da comunidade acadêmica, oportunizando novos cenários de ensino-aprendizagem, troca de saberes e o desenvolvimento de uma consciência crítica acerca do seu papel social; *Identificar* lideranças locais e capacitá-las a fim de que se tornem agentes multiplicadores das ações desenvolvidas nas diversas áreas do Programa (Trilhas Potiguar, [s.d], grifo nosso)

⁴ Website: www.trilhaspotiguar.ufrr.br; Instagram: [@trilhas.potiguar](https://www.instagram.com/trilhas.potiguar).

É, também, importante conhecer o formato de ação do Trilhas Potiguares. Em todas as edições, durante uma semana, uma equipe multidisciplinar composta por estudantes de graduação e pós-graduação de qualquer área da UFRN realizam oficinas, rodas de conversa, cursos e intervenções de qualquer natureza nos municípios visitados.

Esse é o contexto de atuação do Projeto Comtrilhas⁵, composto por estudantes dos três cursos do Departamento de Comunicação da UFRN, sendo eles Publicidade e Propaganda, Jornalismo e Audiovisual. Criado em 2009 — com pausas entre 2012 e 2015 e, novamente, em 2020 e 2021, por conta da pandemia da COVID-19 —, o projeto também forma suas equipes, composta por dois estudantes, que integram a equipe geral do Trilhas Potiguares no município e realizam funções de assessoria, cobertura e produção audiovisual e textual multimídia.

Porém, o diferencial do projeto é a forma de atuação dos estudantes de comunicação. É sabido que, no Brasil, os cursos superiores da área têm um caráter fortemente técnico e profissionalizante (Rudiger, 2022). Isso significa que, apesar de bem-sucedidos em preparar discentes para o mercado de trabalho, algumas experiências — como a de educar — podem não ser vivenciadas.

O Comtrilhas, portanto, busca suprir essa lacuna. Na atuação do projeto, os estudantes são convidados e preparados para serem *comunicadores-educadores* através do desenvolvimento e realização de capacitações, oficinas e intervenções na área de comunicação, compreendendo as necessidades específicas das comunidades visitadas.

O autor desta pesquisa participou de três edições do projeto. Em 2023, no município de Taboleiro Grande, realizei a oficina “Fotografia Móvel para Produtos”, que surgiu da necessidade de empreendedores locais em desenvolver técnicas de fotografia das suas mercadorias.

Durante a intervenção, aprendemos em conjunto a confeccionar um estúdio caseiro, com iluminação, que permitia a captura de melhores imagens dos produtos — que foram levados ao evento pelos próprios empreendedores —, além de entender as funcionalidades da câmera dos diferentes *smartphones* dos participantes; compreendendo o *porquê* de cada escolha na hora de configurar o aparelho e adaptando-as às necessidades específicas de cada ocasião.

⁵ Blog: www.comtrilhasufrn.wordpress.com; Instagram: [@comtrilhas_ufrn](https://www.instagram.com/comtrilhas_ufrn)

Esse é apenas um exemplo do modelo de intervenção realizado pelos estudantes participantes do projeto, que atuam efetivamente como *educadores*, profissionais definidos por (Soares, 2011) como aptos a criar “ecossistemas comunicativos” no processo educativo, com ações que sejam:

a) inclusivas (nenhum membro da comunidade pode sentir-se fora do processo); b) democráticas (reconhecendo fundamentalmente a igualdade radical entre as pessoas envolvidas); c) midiáticas (valorizando as mediações possibilitadas pelos recursos da informação); d) criativas (sintonizadas com toda forma de manifestação da cultura local).” (Soares, 2011, p. 37)

O Comtrilhas aplica uma perspectiva Freiriana, e, portanto, emancipatória e libertadora sobre o que fazer da educação comunicacional:

Nem aos camponeses, nem a ninguém, se persuade ou se submete à força mítica da propaganda quando se tem uma opção libertadora. Neste caso, aos homens se lhes problematiza sua situação concreta, objetiva, real, para que, captando-a criticamente, atuem também criticamente sobre ela. Este, sim, é o trabalho autêntico do agrônomo como educador, do agrônomo como um especialista, que atua com outros homens sobre a realidade que os mediatiza. (Freire, 2021, p. 16)

Dessa forma, o trabalho autêntico do educador como comunicador é a de atuar sobre outros personagens — e, de certa forma, também *ser atuado sobre* —, problematizando a realidade da comunidade de forma crítica e, sendo assim, não *estender* conhecimento e invadir espaços alheios, mas *comunicar* conhecimentos em um fluxo dialógico e interdependente. Só assim, realmente, se faz extensão.

BREVES CONCLUSÕES

O Projeto Comtrilhas prioriza uma extensão não-assistencialista, na qual o educador-estudante, ao mesmo tempo em que ensina e serve à sociedade civil, adquire experiências que antes não havia vivenciado. Ele não invade a cultura local, substituindo os saberes populares pelo científico; tais saberes se associam e são incorporados em novos personagens que permanecem na comunidade ou retornam ao meio acadêmico. Nessa troca de experiências o educador comunica, agindo efetivamente como um educador; os estudantes-comunicadores-educadores envolvidos se inserem na realidade local de maneira participativa, buscando integrar, junto à comunidade, conhecimentos técnicos e tradicionais, problematizando a realidade do público-alvo e promovendo um aprendizado significativo e libertador.

REFERÊNCIAS

- CARBONARI, M. E. E.; PEREIRA, A. C. A extensão universitária no Brasil, do assistencialismo à sustentabilidade. **Revista de Educação**, 10 (10), 23-28, julho, 2015.
- FORPROEX - FÓRUM DE PRÓ-REITORES DE EXTENSÃO DAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS BRASILEIRAS. **Plano Nacional de Extensão Universitária**. Ilhéus: 2001.
- FORPROEX - FÓRUM DE PRÓ-REITORES DE EXTENSÃO DAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS BRASILEIRAS. **Política Nacional de Extensão Universitária**. Manaus: 2012.
- GADOTTI, M. Extensão Universitária: Para quê?. **Instituto Paulo Freire**, [s. l.], 2017.
- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 7.ed. São Paulo: Editora Atlas Ltda, 2019.
- SOARES, I.O. **Educomunicação : o conceito, o profissional, a aplicação**. 1. ed. São Paulo: Editora Paulinas, 2011.
- PAULA, J. A. de. A extensão universitária: história, conceito e propostas. **Interfaces - Revista de Extensão da UFMG**, [s. l.], v. 1, n. 1, p. 5–23, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistainterfaces/article/view/18930>. Acesso em: 18 abr. 2025.
- Fórum de Pró-Reitores das Instituições Públicas de Educação Superior Brasileiras. (2012). Manaus-AM. Disponível em: <https://www.ufmg.br/proex/renex/images/documentos/Pol%C3%ADtica-Nacional-de-Extens%C3%A3o-Universit%C3%A1ria-e-book.pdf>
- RUDIGER, F. **Epistemologia da comunicação no Brasil: ensaios críticos sobre teoria da ciência**. 1.ed. Vitória: Editora Milfontes, 2022.
- SOUSA, A. da S. Q.; YAMAMOTO, O. H. Programa trilhas potiguanas: um modelo de extensão universitária?. **Revista Educação em Questão**, [s. l.], v. 11, n. 2, p. 48–65, 1999. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/educacaoemquestao/article/view/9492>. Acesso em: 18 abr. 2025.
- TRILHAS POTIGUARES. **Apresentação**. [S. l.], [s. d.]. Disponível em: <https://trilhaspotiguanas.ufrn.br/>. Acesso em: 18 abr. 2025.